

Introdução à análise econômica

Por Paul Anthony Samuelson,
8. ed. Rio de Janeiro, Agir.

Há vinte e sete anos era publicada a primeira edição de **Economics** do Prof. Paul A. Samuelson. Desde então, foram lançadas mais oito edições desse texto, traduzidas em mais de 20 idiomas, inclusive em português.

No Brasil, essa obra vem sendo divulgada pela Agir, que acaba de lançar sua oitava edição, correspondente à nona edição americana. Creio ser desnecessário entrar em maiores detalhes a respeito da matéria coberta por ela, além de lembrar que inclui de forma geral o que é visto nos cursos tradicionais de economia: microeconomia, macroeconomia, comércio internacional, moeda e bancos e crescimento econômico. Acho, porém, mais importante analisar o papel que esse livro desempenhou e continua desempenhando na formação do pensamento econômico, principalmente dos países capitalistas do Ocidente.

Em 1947, ano da publicação inicial da **Economics**, estavam em franca discussão acadêmica a consistência teórica e a eficácia da chamada **New Economics**, isto é, um conjunto de instrumentos de política econômica baseada na hipótese keynesiana de que a única for-

ma de as economias de mercado conseguirem funcionar ao nível de pleno emprego seria mediante participação dos gastos governamentais. O leitor não deve se espantar com o fato de esta dúvida ocorrer mesmo depois da experiência do **New Deal** e do efeito benéfico que a II Guerra trouxe para a economia americana. Podemos desculpar os economistas da época se lembrarmos que até hoje Milton Friedman e seus epígonos de Chicago não compreenderam adequadamente esse problema...

Pois bem, o livro de Samuelson teve o grande mérito de ser o primeiro livro-texto a incorporar as idéias keynesianas, sendo mesmo sua utilização banida em vários estados dos EUA, como sendo comunizante. Tal não impediu que 23 anos depois Richard Nixon afirmasse "Eu sou keynesiano".

Podemos perguntar agora se esse pioneirismo continua sendo a característica das edições posteriores dessa obra. Para o próprio Samuelson, de acordo com o seu prefácio, a resposta deve ser afirmativa. Diz ele: "Para o autor o mais emocionante é o novo **Weltanschauung** que se difunde pela nona edição. A complacência com a economia corrente favorece a economia insípida e essencialmente imprecisa. O capítulo novo em folha, "Sinais de mudança: a evolução das doutrinas econômicas", traz para o curso elementar — finalmente — uma visão do ponto no qual a economia política se encaixa na história das idéias... Porque a economia é, afinal, muito mais do que simples geometria." Mais adiante afirma: "É um escândalo que, até há pouco tempo, mesmo os que faziam um curso especial de economia não aprendessem nada a respeito de Karl Marx, exceto que era um indivíduo desequilibrado... Nesta edição tentei

tratar Marx como se ele não fosse nem Deus nem o Diabo, mas como um **scholar** secular que metade da população considera importante." Acrescenta ainda ter dado "ênfase especial a problemas da economia moderna que não foram resolvidos: inflação de custos; qualidade da vida **versus** um mero aumento no PNB...; zero de aumento da população, zero de crescimento econômico; e dia do juízo final ecológico; discriminação racial e reconhecimento da discriminação sexual; externalidades; bens públicos e considerações sobre a igualdade entre as pessoas e principais críticas à economia corrente".

Infelizmente, não me parece que se possa concordar com Samuelson. Apesar desses assuntos do momento, o livro nestes 27 anos não foi alterado em suas linhas básicas, permanecendo apenas como mais um texto a disseminar conceitos banais a respeito do modo de funcionamento dos sistemas econômicos. Para ilustrar esta opinião tentarei discutir alguns pontos que são desenvolvidos no texto em análise: Um dos problemas básicos para a análise econômica tradicional diz respeito à eficiência produtiva, isto é, qual a melhor combinação dos chamados fatores de produção — terra, trabalho e capital — para se atingir um certo nível de produção. A resposta a esse problema é dada mediante a combinação de um conjunto de gráficos, ou a maximização de uma série de funções que seriam o análogo do que um planejador racional realizaria em uma sociedade socialista, ou do resultado do funcionamento de um mercado competitivo em economias capitalistas. Neste tipo de economia a competição entre os vários produtores os levaria a escolher as técnicas produtivas mais adequadas. Assim, ao procurar maximizar os seus ganhos ou mini-

mizar suas perdas, o empresário estaria criando as condições produtivas ótimas para a sociedade.

Ao propor tal paradigma, Samuelson, no entanto, é suficientemente honesto para qualificar as condições para que tal ocorra: "Primeiro, você deve eliminar a possibilidade do monopólio: pois ninguém espera que um aproveitador sem freios atinja o ótimo social. Segundo, você não pode levar em consideração casos em que as curvas de procura das pessoas se desviam da verdadeira utilidade . . . , ou acreditar que os homens de propaganda da Madison Avenue têm convencido os consumidores a procurar bugingangas sem valor que não merecem ser chamadas de utilidade".

Acontece que Samuelson, ao fazer da competição a regra para a compreensão do funcionamento das economias capitalistas, está dando uma visão enganosa da estrutura atual dessas economias, geralmente monopólicas e oligopólicas, onde os preços são, em geral, estabelecidos sem se obedecer o critério da maximização estática dos lucros. Em relação à economia americana, estão excluídos, do modelo competitivo, automóveis, alumínio, borracha, tecidos sintéticos, transporte, latas de conserva, goma de mascar, chocolates, vidro, sabão, alimento para o desjejum, cigarros, a maior parte dos artigos elétricos, aeroplanos, tratores, computadores, máquinas de escrever, a maior parte dos produtos químicos, todas as comunicações etc. Além disso creio que Samuelson faz pouco da capacidade de seus leitores ao minimizar a influência de determinantes não-rationais no comportamento do consumidor das sociedades afluentes.

Mas não é só isto. A visão estática da realidade, que se encontra em tal análise, impede-

nos de perceber a verdadeira mola propulsora do capitalismo que é o desenvolvimento tecnológico.

Assim Samuelson, ao reconhecer a importância da tecnologia e, ao mesmo tempo, ao adotar a posição de que a produção máxima seria dada em situação competitiva, está desconhecendo aquilo que deveria ter aprendido com Schumpeter, e que Galbraith formulou claramente: "O desenvolvimento tecnológico envolve grandes investimentos que só são salvaguardados pelo planejamento e pelo controle sobre os custos, os preços e a procura. O exercício pedagógico aprovado, porém, leva à conclusão de que a utilização mais satisfatória dos fatores é obtida por um mínimo de interferência com o mercado."

A falta de perspectiva histórica que transparece em todo o texto é responsável pela incompreensão das limitações presentes da própria política econômica keynesiana, em cujo ensino Samuelson foi pioneiro, e porque agora ela não pode ser efetiva senão através de tipos especiais de gastos, tal como os militares. Para Samuelson, tal tema é afastado sob a alegação de que se não fossem exigidos pela defesa nacional, o mesmo efeito de geração de renda e criação de emprego poderia ser obtido pela deslocação desses gastos para propósitos civis ou pelo seu retorno ao uso privado: no entanto, ele se esquece que tal objetivo só pode ser atingido se o setor público for suficientemente grande e os recursos liberados e absorvidos forem também vultosos e, de outro lado, que foram as despesas militares que tornaram grande o setor público americano. Sem elas os gastos públicos seriam menos da metade do que são atualmente.

Além disso a própria natureza da tecnologia moderna restringe a eficácia dos gastos subs-

titutivos. Tais gastos, por exemplo, deveriam destinar-se para atividades que usassem tecnologia semelhante a dos gastos que estavam sendo substituídos. Como isso pode acontecer com gastos em escolas, estradas, em atendimento aos pobres? Tal não ocorre apenas em relação à indústria bélica, mas em relação à toda indústria que em situação de crise libera mão-de-obra altamente qualificada que não aceita empregar-se em atividades semelhantes às mencionadas.

As poucas observações críticas feitas talvez sejam suficientes para sugerir que os problemas que afligem os sistemas econômicos modernos requerem que vejamos um pouco mais além do que nos permitem os esquemas e os rituais didáticos dos textos tradicionais de economia. E a meu ver o texto de Samuelson em nada contribui para isto. ■

Luiz Antonio de Oliveira Lima